



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 5, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.27>

Recebido em: **03/09/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

A IDENTIDADE DE GÊNERO: UM CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DOS SONHOS.
GENDER IDENTITY: A WAY FOR DREAMS FULFILLMENT. IDENTIDAD DE GÉNERO:
UN CAMINO PARA EL CUMPLIMIENTO DE LOS SUEÑOS.

SERGIO CARUSO

<https://orcid.org/0000-0001-6002-5494>

Este artigo teve por objetivo pesquisar alguns conceitos de identidade de gênero, entender projetos de vida e conhecer os caminhos de vida de uma jovem e suas escolhas. O propósito foi entender as dificuldades, frustrações, decepções e, também, as alegrias e realizações de uma jovem para assumir sua nova identidade de gênero dentro do seu próprio desenvolvimento social e profissional, através de seus relacionamentos e do trabalho em um colégio tecnológico, como forma de emancipação econômica e social para que ela adquirisse o respeito da sociedade em que está inserida. Estruturou-se esse artigo em três etapas: a princípio, há um breve contexto de gênero de acordo com alguns autores, Connell (1995), Canella (1997), de identidade de gênero segundo, Le Breton (2007), Scott (1990) e Guedes (1995); a segunda descreve alguns entendimentos de projetos de vida, conforme Schutz (1979), Santos (2002), Velho (1999); e na terceira e última etapa, apresenta-se os caminhos de uma jovem em busca de sua identidade de gênero. Este artigo como uma pesquisa empírica e bibliográfica, exploratória, ou seja, um estudo de caso, com o interesse em conhecer os caminhos traçados por uma jovem em busca de seus sonhos e como uma educação profissional tecnológica e o trabalho serviu para que ela obtivesse o respeito da sociedade em que está inserida, em função de suas escolhas de vida.

This article aimed to research some concepts of gender identity, understand life projects and know the life paths of a young woman and her choices. The purpose was to understand the difficulties, frustrations, disappointments and also the joys and achievements of a young woman to assume her new gender identity within her own social and professional development, through her relationships and working in a technological college, as form of economic and social emancipation so that it would acquire the respect of the society in which it is inserted. This article was structured in three stages: at first, there is a brief context of gender according to some authors, Connell (1995), Canella (1997), of gender identity second, Le Breton (2007), Scott (1990) and Guedes (1995); the second describes some understandings of life projects, according to Schutz (1979), Santos (2002), Velho (1999); and in the third and last stage, the paths of a young woman in search of her gender identity are presented. This article as an empirical and bibliographic, exploratory research, that is, a case study, with an interest in knowing the paths traced by a young woman in search of her dreams and how a professional technological education and work served for her to obtain the respect for the society in which it operates, according to its life choices.

Este artículo tuvo como objetivo investigar algunos conceptos de identidad de género, comprender proyectos de vida y conocer los caminos de vida de una mujer joven y sus elecciones. El propósito fue comprender las dificultades, frustraciones, decepciones y también las alegrías y logros de una joven para asumir su nueva identidad de género dentro de su propio desarrollo social y profesional, a través de sus relaciones y el trabajo en una escuela tecnológica, como forma de emancipación económica y social para que adquiriera el respeto de la sociedad en la que se inserta. Este artículo se estructuró en tres etapas: en una primera, hay un breve contexto de género según algunos autores, Connell (1995), Canella (1997), de identidad de género en segundo lugar, Le Breton (2007), Scott (1990) y Guedes (1995); el segundo describe algunas comprensiones de los proyectos de vida, según Schutz (1979), Santos (2002), Velho (1999); y en la tercera y última etapa, se presentan los caminos de una joven en busca de su identidad de género. Este artículo como una investigación empírica y bibliográfica, exploratoria, es decir, un estudio de caso, con interés en conocer los caminos trazados por una joven en busca de sus sueños y cómo una formación y trabajo tecnológico profesional le sirvió para obtener el respeto por la sociedad en la que opera, según sus elecciones de vida.

INTRODUÇÃO

Este artigo teve por objetivo demonstrar alguns conceitos de identidades de gênero, tema complexo e ainda a ser delimitado, e como essas diferenças sejam minimizadas através do desempenho profissional, com a obtenção do respeito dentro de uma sociedade. Para expor essa situação, conhecemos Índia (nome fictício) e sua trajetória real, frustrações, alegrias e conquistas na sua história de vida.

As questões de gênero estão relacionadas com a sociedade já que, homens e mulheres são de sexo biológico distintos e os papéis por eles/as desempenhados são muito mais construções históricas e sociais do que de fato diferenças sexuais.

Diante disto, na esfera social não é rejeitar a biologia, mas sim enfatizar a concepção social e a própria história produzida sobre as características biológicas. De acordo com Connell (1995, p.189), “no gênero, a prática social se dirige aos corpos”, ou seja, como os aspectos são compreendidos e representados para a dinâmica social e, em consequência, componentes do processo histórico.

Na direção, também, do relacionamento social, na visão de Scott (1990), gênero é parte da constituição dos resultados do envolvimento na sociedade entre homens e mulheres, que foram construídos a partir de relações sociais históricas.

Além disso, conforme Canella (1997), os aspectos biológicos e os psicológicos são formadores, em conjunto, dos gêneros, e a identidade de gênero é gerada a partir de uma organização sociocultural. Na aparência dos órgãos externos o recém-nascido tem seu sexo apresentado e, a partir desse aspecto, que se consolida uma identidade e um direcionamento psicológico para os dois gêneros.

Por outro lado, conforme Money e Tucker (1981), a identidade de gênero é a percepção que o indivíduo tem de si mesmo como masculino e feminino e, como homens e mulheres, eles necessitam direcionar seus comportamentos no sentido de uma indicação para os outros da sua sexualidade.

Diante dessa perspectiva, a compreensão das relações de gênero pela sociedade não podem mais continuarem veladas e escondidas em função de suas mutações, mesmo que as pessoas não aceitem de certa forma as escolhas de diversos indivíduos por uma identidade que não corresponda ao seu sexo biológico, temos que entender e começar a aceitar e respeitar essas opções, seja em função da “obrigatoriedade” das próprias relações sociais, ou via das relações profissionais.

Para entender as questões de identidade de gênero e as particularidades de projetos de vida e trabalho, buscaram-se autores que estudam os temas e, por fim, o próprio caso de vida da Índia, nome este escolhido para preservar a identidade da jovem, personagem deste artigo, que conseguiu o respeito da sociedade, mesmo diante de suas escolhas, da sua nova identidade dentro de um gênero assumido.

A opção e a motivação por investigar a relação existente da identidade de gênero com o desempenho profissional surgiu em função do Doutorado em Educação e minha atuação em um colégio tecnológico onde Índia desempenha suas atividades laborais e pelos excelentes resultados conquistados.

Para Bourdieu (1999):

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas [...] ela está

presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado [...] em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Assim sendo, o que norteou os caminhos da pesquisa foi apresentar como a identidade de gênero se apresenta dentro de um contexto social e regional e, também, como proporciona para Índia, se firmar economicamente e através de sua emancipação profissional, também uma emancipação social, de forma a reunir elementos para assumir sua identificação com o gênero escolhido e obter o respeito na sociedade.

Este artigo classifica-se como uma pesquisa empírica e bibliográfica, qualitativa, exploratória, ou seja, um estudo de caso, uma vez, que temos em vista o interesse de retratar e conhecer o caminho percorrido por Índia na sua construção de identidade de gênero.

Para tanto foram realizadas pesquisas em alguns artigos e livros com o propósito de entender a identidade de gênero e a história de valores e de representações de Índia dentro de sua condição social e profissional.

Dessa forma, entender através de um breve contexto as questões de identidade de gênero, proporciona uma visão das dificuldades e enfrentamentos no decorrer da história, que permitem avaliar suas intenções, seu projeto de vida, e as ações para que Índia conseguisse impor sua nova condição, sua escolha de gênero.

1. IDENTIDADE DE GÊNERO

Dado as contradições que as caracterizam as sociedades contemporâneas em constante movimento, o avanço das ciências e de novas tecnologias e novas posturas dos indivíduos têm mudado e criado novos comportamentos. Falar em igualdade e diferenças, masculino e feminino, nos remetem a vários questionamentos em diversas áreas, como a política, profissão, estudos, entre outros.

Quando falamos de igualdade e diferenças com relação aos homens e mulheres, com certeza o debate se torna mais caloroso e com soluções ainda distantes do ideal, problemas que não são fáceis de resolução em função dos diversos aspectos que envolvem como os direitos individuais e de grupos (LE BRETON, 2007).

Assim sendo e independentemente de qual localidade que seja sempre deparamos com essas questões, importante é entender como lidamos com isso dentro de um contexto social através das suas interações no sentido de nos proporcionar um aprendizado para o desenvolvimento da própria sociedade.

Diante deste contexto, a identidade de gênero é como a pessoa, o indivíduo se reconhece mulher, homem e, até mesmo, nenhum deles.

Conforme Le Breton (2007):

A crise de significação de valores que abala a modernidade, a procura tortuosa e incansável por novas legitimidades que ainda hoje continuam a se ocultar, a permanência do provisório transformando-se em tempo de vida, são, entre outros fatores, os que contribuíram logicamente para comprovar o enraizamento físico de cada ator.

Isto colocado, o local e o tempo, a crise da legitimidade instalada faz com que, de certa forma, tudo se torne incerto, onde os indivíduos que buscam uma nova identidade tentam colocar suas marcas, suas expressões, seus assinalamentos para a produção de um sentimento de identidade proveitoso para atingir a conformidade mais favorável relacionada com a sua escolha.

Neste sentido, importante salientar que em inúmeras ocasiões o termo gênero é utilizado irregularmente em relação ao sexo biológico, já que se refere as feições designadas ao sexo, de forma que esteja vinculado as composições sociais e não relacionadas com os atributos naturais (GUEDES, 1995).

Desta forma e através de um conjunto de concepções que se enquadra socialmente o indivíduo faz a sua escolha de gênero, masculino ou feminino, no decorrer de sua vida, em especial a psíquica, e através dessas convicções se constrói um novo papel, um papel entrelaçado com a identidade do tipo escolhido, para uma organização visível e representativa da vida social (SCOTT, 1990).

Diante disto, com a escolha de gênero realizada, o indivíduo constrói sua nova identidade no decorrer de sua história e, conforme Money & Tucker (1981, p.9) “Nós nos tornamos homens e mulheres em etapas.”

Bem como, falar de masculino ou de feminino, de homens e de mulheres, automaticamente implica, de certo modo, em um julgamento de valor, na direção a um contexto social e cultural, cujos atributos e papéis são infinitamente variáveis, transmitidos pela socialização e, nenhum caso, essências (LE BRETON, 2007).

Além disso, ao falarmos de identidade de gênero temos que relacionar também com o corpo, já que de acordo com Le Breton (2007), a expressão corporal é socialmente modulável, mesmo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo.

Neste sentido começar a pensar no corpo do mesmo modo do gênero, através de valores e representações próprias dentro de uma condição social e cultural em um dado momento se torna uma consequência da construção da inteligibilidade do corpo e dos comportamentos em locais públicos.

Ainda, e conforme Le Breton (2007), após a identidade de gênero devidamente definida, os indivíduos para escaparem da perturbação de se sentirem presos num corpo inapropriado e encontrar seu desejo, para conformar seu sentimento de identidade a seu corpo, eles assumem o risco de tomar a decisão e recorrem a ferramentas de autotransformação com uma nova distribuição hormonal, visando eliminar os traços aparentes de uma identidade de gênero que os indivíduos querem suprimir em proveito daquela que escolheram.

Logo, transformações são praticadas como, a título de exemplos, a retirada do útero, neopênis e neovagina, as depilações radicais e o crescimento dos pêlos, no sentido de proporcionar um certo número de atributos corporais para a sinalização do masculino ou feminino, com o intuito de redistribuir as fronteiras e as identidades, suas posições.

Consoante esta transformação, a tarefa agora imposta pela nova identidade tem como pressuposto em deletar, apagar os atributos físicos e modos de se comportar que por algum motivo, possa gerar um mal-entendido, para parecer conforme o gênero desejado e, de acordo com Le Breton (2007) “o corpo é uma forma simbólica, um universo de significados e valores constantemente reencenados, constantemente em movimento”.

Assim, o entendimento desses comportamentos, dessas novas identidades, das novas transformações corporais, onde o papel do gênero define um padrão de comportamento, masculino ou feminino, é o que as sociedades, independentemente de seus contextos, nacionais ou regionais, devem buscar como um alicerce para a construção de uma sociedade mais inclusiva, no caminho de retirar o preconceito

e o sofrimento daqueles que fizeram suas escolhas, suas opções de uma identidade de gênero e que possam auxiliá-los em um processo de compreensão e aceitação.

A fim de que possamos compreender como um indivíduo que faz sua escolha de uma identidade de gênero diferentemente do seu sexo biológico e como os projetos de vida indicam elementos que expõe escolhas, acesso a diferentes oportunidades e espaços para avaliar de que maneira estas ações oportunizaram ou não a emancipação e de que maneira isto ocorreu.

1. PROJETOS DE VIDA

Em função de um mundo globalizado em que as pessoas vivem, notícias chegam numa velocidade enorme, independentemente onde se encontram, já que a própria tecnologia permite isso, cada vez mais situações de muita complexidade estão presentes.

Entretanto, em virtude da própria realidade onde estão inseridas, suas próprias referências podem se perder ou tornar-se algo utópico ou, ao contrário, desafiador, fazendo com que as pessoas busquem com toda vontade e perseverança superar as dificuldades, que talvez encontrem, a fim de atingir seus objetivos para conseguir realizar seus projetos de vida.

Ademais, Schutz (1979), diz que o projeto de vida seria a ação da pessoa de definir, entre os possíveis futuros, os desejos e as fantasias que proporcionem condições objetivas e passíveis de serem alcançadas, traçando, dessa forma, uma orientação para um rumo de vida. Acrescenta, ainda, que o projeto de vida não deve ser compreendido como um produto de um cálculo matemático ou um processo que segue uma trajetória contínua, sem desvio, em linha, como postulado pelo senso comum.

Dessa forma, de acordo com Velho (1999), o projeto de vida é uma ideia que relaciona intimamente o indivíduo e a sociedade, que estabelece e solicita do indivíduo a elaboração de projetos de vida. Neste sentido, o projeto de vida é sustentado por dois pontos de vista, sendo o primeiro a noção de que o indivíduo escolhe ou tem a liberdade de escolher e o segundo, a ideia de que cada indivíduo detém um conjunto de capacidades que constituem sua própria identificação, sua marca. Desta maneira, o projeto de vida traz com ele a necessidade imposta pela sociedade, que cobra do indivíduo uma definição e a descoberta do que quer e pretende.

Porém, mesmo que redimensionamentos ocorram, permitindo as pessoas que façam uma adequação dos seus projetos a um mundo em constante transformação, estes não podem ou não conseguem se desvincular, como em um passe de mágica, do que aconteceu antes, ou seja, das suas trajetórias de vida. Como dizem Serrão e Baleeiro (1999, p. 278) a “visão de futuro está ligada às suas vivências e experiências anteriores e às relações estabelecidas até então na sua história”.

Mas também, é importante que a construção do projeto de vida não seja unicamente uma questão individual, isto é, o projeto de vida se compõe na interação da pessoa com o ambiente maior, pois está inserida em um agrupamento de situações que estabelecem a realidade social, a qual não se dissocia das trajetórias individuais. Contribui para a construção de projetos de vida, entre outros, a possibilidade concreta de inserção no mercado de trabalho. Nos projetos de vida, dimensões como a posição social, as redes de relacionamento e os grupos de referência se fazem presentes (SANTOS, 2002).

Em função disto, e como centro norteador dos projetos de vida ter acesso a um bom emprego, vai ao encontro de Dib e Castro (2010), quando afirmam que o trabalho representa a base e a linha principal na elaboração e organização de um caminho de vida. Seja por uma necessidade maior de sobrevivência, de conforto ou de um posicionamento social.

Enfim, com um ensino profissionalizante e gratuito, foi proporcionado para Índia, o ingresso em uma

rede de cursos gratuitos e oferecidos pelo próprio Estado. Índia começou a estudar em um desses ambientes, dentro do município em que reside e, em função dos seus estudos e de seu desempenho, conseguiu alcançar outras posições dentro desta rede de ensino, como responsável por toda a gestão de um colégio tecnológico.

Em consequência, se tornou coordenadora dos cursos oferecidos deste colégio, dos alinhamentos pedagógicos com os professores, dos materiais didáticos e insumos para os cursos e para os maquinários, no sentido de realizar toda uma articulação junto aos empresários, a fim de atender suas demandas e necessidades bem como a satisfação dos estudantes de forma a proporcionar para eles, não somente uma profissão, mas sua colocação no mercado de trabalho.

Diante disto, o trabalho foi o principal alicerce para sua posição social, que além de relacionar com estudantes de diversas faixas etárias, proporcionou, também, sua interação com o setor empres já que a política educacional profissional tecnológica desse colégio tem como principal demandante o setor empres no sentido de atender não somente aos empresários, produtores e empreendedores regionais bem como proporcionar o desenvolvimento de cada município de acordo com sua vocação.

Portanto, Índia conseguiu, também, criar seu próprio negócio, se tornando uma empresária, fora as responsabilidades acima assumidas bem como a gestão do seu próprio empreendimento, de forma a coordenar a produção, a divulgação de seus produtos, as vendas e todo o controle financeiro e administrativo, de forma que proporcionou para ela, não somente uma certa autonomia como também o reconhecimento da sociedade em que vive.

A fim de que possamos conhecer os projetos de vida de Índia, como foi sua escolha de gênero, sua trajetória tanto educacional e profissional, a criação de seu próprio negócio, bem como esta nova forma de reconhecimento pela sociedade em função de sua identidade escolhida, importante compreender os caminhos percorridos por ela.

1. OS CAMINHO DE ÍNDIA

A mudança social de um gênero ao outro, através de suas lutas e conquistas não deve ter sido das mais simples, com certeza uma grande busca e luta por essa nova identidade bem como uma colocação profissional fizeram parte dos caminhos de Índia.

Índia se apresentou como Coordenadora de um dos estabelecimentos de ensino profissional de sua cidade e atua, também, na gestão desse órgão junto com os empresários locais.

Conforme Índia nos fala, começou a se questionar como poderia ser esta identificação com outro gênero diferente do seu sexo biológico mesmo quando criança, em torno de 08 a 09 anos, onde julgava que possuía uma aparência diferente, como também não gostava das brincadeiras de meninas. Diante disto Índia já se vestia diferente de uma menina, mas como ela mesma diz, somente na adolescência essa nova identidade foi cada vez mais se firmando: *“...mas, a relação e o interesse mesmo veio aos 14 anos de idade quando eu percebi que estava gostando de meninas e não de meninos”*.

Certamente Índia se sente como um homem fechado em um corpo de mulher, entretanto até os 14 anos, sua educação e aparência demonstravam como se fosse uma menina, mas já não gostava o que as outras meninas faziam, como na hora do recreio onde elas brincavam de boneca e Índia sempre desejava jogar bola, soltar pipa e correr com os meninos. Com relação a aparência diz que nunca gostou de usar saia e sempre gostava de usar boné, fazendo diversas coisas na fazenda junto com seu avô e seu pai e não as coisas que sua avó e sua mãe faziam. Como Índia diz: *“...então desde muito jovem foi muito forte que eu não seria assim por dentro uma menina e sim um menino pelas atitudes e pelo comportamento que eu tinha”*.

Entretanto para se “encaixar” dentro do gênero escolhido, Índia começou a mudar suas roupas, deixou de usar coisas mais femininas, como algumas blusas e começou a usar somente camisas ou camisetas e como diz: “...a gente vai transformando, se vestindo cada vez mais parecido como um homem, até para se sentir confortável daquilo que a gente realmente é”. Conforme Money & Tucker (1981, p.9) “Nós nos tornamos homens e mulheres em etapas.”

Dessa forma, a mudança de seu vestuário proporcionou para ela poder viver na totalidade de acordo com sua nova existência. Esta nova condição foi ganhando espaço dentro da própria rede de ensino, atividade profissional, primeiramente como estudante e, posteriormente, com sua atuação como Coordenadora desta mesma escola.

Quanto mais Índia contava de sua trajetória, de sua história, suas frustrações como também suas motivações, ou seja, de que forma ela produzia sua masculinidade em funções do novo contexto, apesar do seu passado feminino, descreve, também, que não precisou fazer grandes alterações no seu comportamento, já que considera tudo muito natural dentro do gênero escolhido.

Diante disto, projetos de vida e planos implicam em desejar, planejar, ou seja, é por meio deles que as pessoas organizam suas vidas, estabelecem alvos que podem ser simples e individuais, ou de grande complexidade e coletivos. “Assim, projetos, objetivos, finalidades dão sentido à vida das pessoas, organizam pensamentos e ações e estão relacionadas com sistemas de valores” (DAMON, 2009, p. 14). Ou, como diz Schultz (1979, p. 22):

O projeto de vida é a ação de o indivíduo escolher um, entre os futuros possíveis, de transformar seus desejos em objetivos a serem alcançados, definir estratégias, elaborar um plano de ação (profissional, escolar, afetivo, etc.), organizar as escolhas em um período de tempo para que o projeto saia do campo do desejo e se concretize.

Evidentemente este caminho de Índia determina que ela se torne uma aprendiz, daquilo que ela é e deseja continuar ser, que segundo ela, é ser homem. Ela acrescenta, ainda, que por considerar tudo natural, não tem uma preocupação em querer passar para os outros uma aparência de homem, pois considera que as pessoas conseguem identificar essa preferência simplesmente quando olharem para ela. Índia acrescenta que não “força” nenhuma situação e tudo acontece de forma natural e, conseqüentemente, não existe uma cobrança nem para si mesmo e nem para a sociedade em que está inserida.

Seguramente, este comportamento de Índia não demonstra uma preocupação sua e nem uma vigília para que se pareça “normal” sua postura de homem diante de todos, de modo que não precisa se reorientar em suas condutas, estilos e modos como se precisasse de um guia de direcionamento, já que para ela suas linhas de atitude se enquadram naturalmente diante de sua escolha.

Com o objetivo de cada vez mais sua identidade de gênero ser consolidada e da mesma forma proporcionar certa segurança para seus comportamentos, muitos indivíduos se submetem a transformação dos órgãos sexuais que, de certo modo dão o poder para a pessoa bem como o direito de ser o que ela é ou “daquilo que deveria ter sido” na origem “consertando” os defeitos da natureza.

Assim sendo, Índia já pensou nestas transformações, começando pelo cabelo e até mesmo na possibilidade da retirada dos seios, uma alternativa já pensada mas não como algo certo que irá realizar e acrescenta: “...uma coisa que pensei é justamente assim, vontade na maioria das pessoas andar sem camisa por essa questão, por esse lado, mas não é nada definido ainda, mas já pensei”. Independentemente dessas transformações corporais Índia sabe que a construção de seu personagem de homem se dá de forma natural e não se considera obrigada a todo instante se manter alerta diante dos outros, como uma preocupação de querer provar algo.

Em adição a esta transformação ou não, temos também uma série de novas iniciações e atitudes de um homem. Os modos de como andar, sentar, utilizar o banheiro e que se prolongam nas formas de se vestir, de como efetuar o arranjo dos cabelos, de interação com as pessoas, isto é, dos cuidados da aparência.

Conforme Le Breton (2007):

Algumas vezes, esse aprendizado foi feito muito cedo na existência, de um modo secreto (no quarto, revestindo-se das roupas do outro gênero e se imaginando com elas nas cenas fictícias do cotidiano ou público (mas não sem deboche ou sem suscitar desprezo). A tarefa consiste em apagar os atributos físicos e modos de se comportar que possam gerar mal-entendido, para parecer conforme ao gênero desejado.

No entanto, Índia considera que tudo é natural e se preocupa somente em se sentir confortável e, conseqüentemente, acaba se parecendo como um homem mesmo, não existe a obrigatoriedade para ela de ter que fazer isto ou aquilo para se parecer como um homem e como diz: “...isso é natural, visto assim porque é assim que eu gosto e assim que eu quero ser”.

Dessa forma, Índia também considera que a rede de ensino profissional, o trabalho apoiou sua emancipação e deu força para que através de sua trajetória, primeiramente como aluna e posteriormente como coordenadora, também contribuíram muito para sua afirmação na escolha da identidade de gênero já que sua participação, interação e desenvolvimento na própria instituição fizeram com que as pessoas, a sociedade respeitassem suas escolhas e relata: “*Sim, contribuiu, a partir do momento que eu exerci o cargo de coordenador, eu acabei sendo visto de melhor forma, consegui um respeito maior das pessoas, porque hoje assim eu faço o meu trabalho que tem o respeito de todos então ajudou e contribuiu para que eu me firmasse dentro da sociedade e tivesse o respeito [...] Sim, sem sombra de dúvidas*”.

Consoante este progresso, Índia conseguiu abrir seu próprio negócio e administra todas as áreas e conforme ela diz surgiu diante de sua própria necessidade, quando ela queria adquirir uma roupa tinha bastante dificuldade já que, quando escolhia uma camisa masculina, a mesma não ficava boa, ficava diferente, não tinha o caimento que ela queria e acrescenta: “*Diante disto eu vi uma oportunidade, até para me vestir melhor e me sentir confortável e junto com o colégio tecnológico eu obtive espaço e algumas orientações para hoje eu ter a minha marca*”.

Ela relata também que o próprio trabalho através do ensino profissional permitiu este avanço e conta que apesar de ter tido a ideia, não sabia dos caminhos que deveria percorrer e, através de uma incubadora dentro do próprio colégio tecnológico, conheceu as partes iniciais, entendeu o processo que ela precisava desde a abertura de uma empresa, pesquisa de mercado, isso para ela permitiu entender os passos para abrir uma empresa e diante da parceria, ajuda bastante e afirma: “...isso permite que a gente que está iniciando, consiga ingressar no mercado com qualidade para poder competir com outros que já estão no mercado, porque nosso custo de produção acaba sendo menor”. Acrescenta, ainda, que sua marca trabalha com uma moda sem gênero, ou seja, justamente para as pessoas como ela, que se identificam com gêneros diferentes dos seus respectivos sexos biológicos, com uma modelagem específica, que consegue vestir tanto o “homem” como a “mulher”, em função do caimento desejado conforme já havia citado e ainda relata: “*É exatamente isso que a marca fez, ela procurou desenhar o corpo e conseguir vestir de forma igual tanto o homem quanto a mulher*”.

Diante disto, Índia acrescenta que o colégio através do ensino profissional e de suas atividades fez com que ela descobrisse uma forma de produção e confecção que fosse adequada para as pessoas que

se identificam com os gêneros escolhidos de acordo com suas preferências.

Considera e afirma novamente que o ambiente de trabalho proporcionou para que ela adquirisse um respeito ainda maior por parte da sociedade do que pela própria educação na escola, onde sofreu diversos preconceitos e diz: *“A gente deveria ter começado a trabalhar isto na escola desde pequeno ali e não foi feito, a gente sofreu durante um tempo, quando eu ingressei aqui eu tive isso, eu vi isso aqui, eu consegui um respeito que eu não tinha antes [...] sem sombra de dívida”*. Índia, ainda, completa: *“Eu acho que é exatamente isto, a gente tem que ter esta educação desde pequeno para que as pessoas entendam que a gente não é diferente, a gente é igual a qualquer um, a gente se identifica com um gênero diferente, mas que gente é igual a qualquer um e que a gente precisa de respeito como a gente respeita qualquer indivíduo”*.

Neste sentido, Índia busca se tornar o indivíduo que ela quis ser, não meramente uma representação ou uma imitação e constrói seu caminho rumo ao gênero escolhido. Esta passagem com certeza foi observada por ela mesma, onde os olhares das mulheres fazem com que ela sinta como um homem e traz uma certa sensação de prazer, de premiação pela conquista dos seus objetivos.

Em conformidade com esta história de vida de Índia, ela constrói seus caminhos, com satisfações e frustrações, com prazeres e desprazeres, alegrias e tristezas, enfim, uma estrada de vida com certeza mais desafiadora, conforme diz: *“Foi um processo complicado, porque, pelo menos eu, minha família ser toda evangélica e para eu assumir, eu achei que era a coisa pior do mundo e tentei me reprimir e ser uma menina, mas aquilo me sufocava, eu me sentia presa em algo que eu não era, aí depois de todo o processo, hoje sendo aquilo que realmente sou e todo mundo entender isto eu me sinto liberta diria eu, hoje me sinto que sou aquilo que realmente quero ser [...] ainda existe uma grande massa preconceituosa, mas eu me imponho no espaço que eu esteja e exijo o meu respeito, mas ainda existe sim”*.

Acrescenta, ainda, que infelizmente dentro deste preconceito teve seu pior momento e conta: *“Inclusive teve uma questão que para mim foi a pior que quando eu estudava e ainda fazia o colégio (antes do ensino profissional), e um dos diretores do colégio não permitiu que a minha esposa entrasse lá e que fosse até a sala por preconceito, então esta foi a parte que mais me marcou, porque as vezes a gente espera que o preconceito vem de pessoas menos informadas e aí quando você se debate com isto você fica abalada, existe o preconceito hoje e eu não me preocupo muito mais com isso porque o que eu sou é de mim e ninguém tem nada a ver com isso, mas a gente sempre que acontece, a gente acaba ficando um pouco abalada”*.

Ainda de acordo com Le Breton (2007):

A condição social, a capacidade íntima de se desprender de si mesmo, para nunca se deixar intimidar pelo discurso do ambiente, pela compreensão ou pela hostilidade das pessoas que contam para o indivíduo, favorecem ou não a decisão sobre a passagem e a qualidade ulterior dessa decisão. Mas cada transexual constrói seu caminho em direção a outro gênero em seu ritmo, com as tecnologias que ele pretende empregar para o ajudar em seu processo.

Portanto, podemos considerar que Índia é um indivíduo contemporâneo, bem atuante no tempo presente, que busca se colocar no mundo por suas escolhas, pela sua nova identidade de gênero, respeitando sim, mas não presa e estacionada em antigos significados sociais e de valores, em busca de sua felicidade, propósito maior de todos nós nesta estrada chamada vida.

CONCLUSÃO

As questões de gênero estão relacionadas com a sociedade já que, homens e mulheres possuem seus papéis sociais em função das diferenças sexuais. Contudo, se as mulheres já sofrem todo um preconceito para desempenhar atividades que são consideradas “masculinas”, as pessoas que se identificam com um gênero que não é o seu biologicamente, ou seja, pessoas do sexo masculino que se identificam com o gênero feminino e, vice-versa, pessoas do sexo feminino que se identificam com o gênero masculino, temos a percepção que sofrem também um preconceito.

Diante dessa perspectiva, a compreensão das relações de gênero pela sociedade não podem mais continuarem veladas e escondidas em função de suas mutações, mesmo que as pessoas não aceitem de certa forma as escolhas de diversos indivíduos por uma identidade que não corresponda ao seu sexo biológico, temos que entender e começar a aceitar e respeitar essas opções, seja em função da “obrigatoriedade” das próprias relações sociais ou através das relações profissionais.

Assim sendo e independentemente de qual localidade que seja, a compreensão desses comportamentos, dessas novas identidades, das novas transformações corporais, onde o papel do gênero define um padrão de comportamento, masculino ou feminino, é o que a sociedade deve buscar como um alicerce para a construção de um convívio mais inclusivo.

Somando-se a este contexto, os projetos de vida implicam em desejar, planejar, ou seja, é por meio deles que as pessoas organizam suas vidas, uma ideia que relaciona intimamente o indivíduo e a sociedade e, de forma a contribuir para suas construções, a possibilidade concreta de inserção no mercado de trabalho se torna fundamental.

Em função disto, e como centro norteador dos projetos de vida ter acesso a um bom emprego, vai ao encontro de Dib e Castro (2010), quando afirmam que o trabalho representa a base e a linha principal na elaboração e organização de um caminho de vida.

Diante disto, a educação profissionalizante fez parte da construção e da apropriação da nova identidade de gênero de Índia, que se preparou via profissionalização e conquistou a Coordenadoria de um dos estabelecimentos de ensino profissional, um Colégio Tecnológico e atuando com os empresários locais de, face simpática, sem maquiagem, sem cintura, voz forte, ela tem uma masculinidade manifesta.

Certamente Índia se sente como um homem fechado em um corpo de mulher, entretanto, até os 14 anos, sua educação e aparência demonstravam como se fosse uma menina, mas já não gostava do que as outras meninas faziam, como na hora do recreio onde elas brincavam de boneca, e Índia sempre desejava jogar bola, soltar pipa e correr com os meninos.

Evidentemente, este caminho de Índia determina que ela se torne uma aprendiz, daquilo que ela é e deseja continuar a ser, que segundo ela, é ser homem. Ela acrescenta, ainda, que por considerar tudo natural, não tem uma preocupação em querer passar para os outros uma aparência de homem, pois considera que as pessoas conseguem identificar essa preferência simplesmente quando olharem para ela. Índia acrescenta que não “força” nenhuma situação e tudo acontece de forma natural e, conseqüentemente, não existe uma cobrança nem para si mesmo e nem para a sociedade em que está inserida.

Dessa forma, Índia também considera que o ensino profissional e o trabalho através de sua trajetória, primeiramente como aluna e posteriormente como coordenadora, também contribuíram para sua afirmação na escolha da identidade de gênero já que sua participação, interação e desenvolvimento da própria instituição fizeram com que as pessoas, a sociedade, respeitassem suas escolhas. Portanto, bem atuante no tempo presente e, e a oportunidade de cursar o ensino profissionalizante, ou seja se preparar para seu próprio trabalho, faz com que ela não somente busque o desenvolvimento de sua região e de sua economia, mas também de alguma forma que proporcione uma posição que permita

aos indivíduos da sociedade onde vive aceitarem as suas escolhas, a identidade de gênero que ela definiu, como um camaleão que precisa fazer a mudança de sua cor para se identificar dentro de uma função social variando de acordo com as circunstâncias, mas não presa e estacionada em antigos significados sociais e de valores.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Governo do Estado de Goiás. Controladoria Geral do Estado de Goiás. <<https://transparencia.go.gov.br/portaldatransparencia>>. Acesso em 03.07.2019.

BRASIL. Governo do Estado de Goiás. Secretaria de Estado de Desenvolvimento e Inovação <<https://desenvolvimento.go.gov.br>>. Acesso em 03.07.2019.

CANELLA, Paulo. *Identidade de Gênero*. Scientia Sexualis, 3 (2), 1997.

CONNELL, Robert. Políticas de masculinidade. *Educação e Realidade*. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

DAMON, W. *O que o jovem quer da vida?* Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. 2009.

DIB, S. K.; CASTRO, L. R. *O trabalho é projeto de vida para os jovens?* Caderno de Psicologia. Soc. do T 13, n. 1, p. 1-15, 2010. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n1/v13n1a02.pdf>>. Acesso em: 1

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. *Gênero, o que é isso?* Psicol. Cienc. Prof. Vol. 15, n. 1-3. Brasília <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002>. Acesso em 14.07.2019.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MONEY, John; TUCKER, P. *Os papéis sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, M. I. Projetos de vida e perspectivas futuras: um estudo sobre as representações sociais do trabalho e dos projetos de vida dos jovens. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002. Disponível em <<http://www.emdialogo.uff.br/documento/projetos-de-vida-e-perspectivas-futuras-umestudo-sobre-representacao>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SCHUTZ, A. Bases da fenomenologia. In: WAGNER, H. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos e estudos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol. 16, n. 2, Porto Alegre, 1991.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a ser e a conviver*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999.

VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

[1] Doutorando em Educação – Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Humanidades - Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GOIÁS.